

O BRETÃO: ÚLTIMO REBENTO CÉLTICO NO CONTINENTE EUROPEU¹

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)

RESUMO

As línguas célticas já foram faladas, em eras bem remotas, em praticamente todo o território da França atual. Foram, porém, suplantadas pelo latim, língua oficial do Império Romano no ocidente. Entretanto, à medida que o império se definha e os saxões e outros povos incursores atacavam as províncias do norte, um povo, que também falava uma das línguas célticas, começou a migrar da Bretanha (atual Grã Bretanha) em grande número para o norte da França com o objetivo de lutar e ali se estabelecer.

Esses migrantes eram denominados naturalmente *Britani*, “Bretões”. A imensa maioria fixou-se na península do noroeste, então conhecida dos romanos como *Armorica*, passando, com a chegada dos novos habitantes, a ser rebatizada como *Brittany* (“Pequena Bretanha”). O bretão é a única língua céltica ainda falada no continente europeu e pertence, ao lado de muitas outras, ao elenco das línguas ameaçadas de extinção.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Lingüística; Línguas Minoritárias; Bretão

INTRODUÇÃO

A língua de que iremos tratar pertence, juntamente com o irlandês e o galês, à família céltica e, de maneira semelhante a estas e a muitas outras, faz parte do elenco das línguas ameaçadas. O bretão apresenta-se ainda como uma língua obscura para muitos filólogos e lingüistas. Basta dizer que a língua do lendário Rei Artur, como se costuma dizer, tem na verdade suas raízes nas remotas brumas da Bretanha dos Celtas, como veremos. Entre outras coisas, as lendas arturianas de outrora prometem a volta do próprio Rei Artur e a restauração dos Celtas Britânicos de Gales, Cornualha e Bretanha a seu legítimo patrimônio cultural e lingüístico.

As línguas célticas constituem um dos ramos da família indo-européia. Essas línguas foram faladas numa vasta região do oeste eu-

¹ Texto resultante do trabalho apresentado no VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA (I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos), promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos no Instituto de Letras da UERJ, em agosto de 2004.

ropeu em eras remotas, porém encontram-se atualmente em situação um tanto precária em algumas áreas das Ilhas Britânicas e da Bretanha.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DAS LÍNGUAS CÉLTICAS

Embora existam muitas diferenças entre as línguas célticas individualmente, podemos notar algumas semelhanças. É bem verdade que nem todas essas características são exclusivas das línguas célticas, porém poucas são as línguas que compartilham das seguintes:

- Mutação consonantal inicial
- Preposi es flexionadas
- Padrão frasal VSO (verbo + sujeito + objeto)
- Apenas dois g neros gramaticais
- Ausência do artigo indefinido
- Constru o genitiva por aposi o
- Contagem vevesimal¹

O DOMÍNIO

A Bretanha²   uma das províncias históricas da França, situada ao noroeste do país, tendo como fronteiras o Canal da Mancha ao norte e a baía de Biscaia ao sul. Possui 34.000 km² (ligeiramente mais extensa que a Bélgica). O isolamento da região tem sido talvez um dos fatores mais relevantes para a preserva o e desenvolvimento dos costumes e da língua dos bretões, juntamente com um profundo patriotismo local.

¹ O francês, por influência do antigo gaulês, também utiliza esse sistema de numera o, ainda que parcialmente: *soixante-dix, quatre-vingt*. Ver DAUZAT (1940: 48).

² Do latim *Britannia* (provavelmente do gaulês *Breathnach*, ("país dos Bretões"), nome da província romana constituída pelos territórios das atuais Inglaterra, País de Gales e Escócia Meridional, já que a Setentrional (Celed nia) se manteve sempre independente. Cf. Francês *Bretagne*, Bretão *Breizh*, Inglês *Brittany*.

O bretão possui quatro dialetos regionais, a saber: o *leoneg* nos arredores de Brest (no litoral norte), o *tregereg* nas proximidades de Treguire, o *kerneveg* nos arredores de Quimper e o *gwenedeg* em Gwened. Este último difere substancialmente do bretão padrão e possui uma tradição literária própria. Alguns lingüistas vêem nesse dialeto uma possível derivação do gaulês³, ou celta-comum, (extinto nos primeiros séculos de nossa era, deixando por memória apenas algumas raras e obscuras inscrições e alguns topônimos).

A região oficial da Bretanha consiste de quatro departamentos, a saber: Finistère, Morbihan, Côtes-du-Nord e Ille-et-Villaine com uma população total de 2.885.349, conforme o censo de janeiro de 1996. A capital administrativa da Bretanha é Rennes, na confluência do Ille e do Villaine, na rica bacia de Rennes, com perto de 300.000 habitantes. Historicamente, costuma-se considerar como o quinto departamento da Bretanha o Loire-Atlantique, onde se encontra a cidade histórica de Nantes (*Naoned* em bretão), famosa pelos castelos dos duques da Bretanha (séculos XV-XVIII) e outros monumentos. A população dos cinco departamentos da Bretanha era, conforme o mesmo censo de 3.945.249 habitantes. O Loire-Atlantique foi desmembrado do restante da Bretanha em 1941 pelo regime de Vichy imposto pelo Marechal Pétain, em parte como retaliação pelo grande número de bretões que apoiavam a resistência francesa encabeçada por Charles de Gaulle em Londres, por ocasião do armistício de 1940, e em parte, também, como uma censura aos nacionalistas bretões que há muito já vinham pleiteando um estado

³ O gaulês, também conhecido como celta comum, outrora falado na Gália, expandiu-se a partir do século X a. C. pela Espanha, pelas Gálias, Itália do Norte e regiões adriáticas. Um outro grupo dirigiu-se para uma região da Ásia Menor fixando-se na Galácia (já mencionada numa das epístolas de Paulo no Novo Testamento da Bíblia Cristã), onde foram derrotados por Átalos I em 241 a.C. Foi na Bretanha, no País de Gales e na Irlanda que o tipo e a língua dos celtas melhor se conservaram.

Gália é o nome dado, na Antiguidade, a duas regiões: a *Gália Cisplatina* (aquém dos Alpes, relativamente aos romanos), que compreendia a Itália setentrional e foi por muito tempo ocupada por tribos gaulesas, e *Gália Transalpina* (além dos Alpes), vasta região, situada entre os Alpes, os Pirineus, o Atlântico e o Reno. Habitada por grande número de tribos (celtas ou gauleses, iberos, lígures, armóricos), a Gália Transalpina foi centro de uma civilização influenciada, desde o século VI a. C., por duas correntes de civilização helênica (Mediterrâneo e Alpes). A Gália tinha forte organização religiosa (assembleia anual dos *druidas*, nome dos primitivos sacerdotes gálios e bretões).

bretão autônomo. Essa designação administrativa ainda está sendo contestada tanto pelos bretões que vivem nos quatro departamentos oficiais quanto pelos que vivem no próprio departamento de Loire-Atlantique, que continuam a considerar a si próprios como bretões (cerca de 62% conforme censo recente). Trata-se, pois, de um fenômeno surpreendente, já que durante cerca de mil anos a cidade de Nantes em Loire-Atlantique foi uma das sedes do Parlamento Bretão e capital de fato do ducado independente da Bretanha. Existem atualmente cerca de 400.000 falantes do bretão na Bretanha ocidental e aproximadamente 100.000 na oriental (totalizando cerca de um quarto da população da Bretanha ocidental e perto de 15% da população oficial da região). Com exceção de alguns idosos, que falam somente o bretão, praticamente todos os habitantes da Bretanha são bilíngües (bretão e francês). Uma das características de que o bretão não compartilha com o frisão, o basco, o catalão e outras línguas ameaçadas da Europa, é a intensa imigração do grupo etnocultural dominante (no caso o francês). Relativamente poucos migrantes franceses têm sido atraídos para a Bretanha, visto tratar-se de uma região historicamente subindustrializada; ao contrário, Paris e a região central continuam a atrair os bretões das áreas rurais, daí a ameaça na Bretanha serem os próprios bretões que adotaram o francês como segunda língua, e não os franceses a procura de trabalho. É bem verdade que os franceses marcaram sua presença em solo bretão por longo tempo. A partir da união da Bretanha com a França em 1532 alguns falantes do francês para lá se dirigiram para atuar como administradores, professores, mercadores e clérigos. Essa migração, embora não tão expressiva numericamente, contribuiu para a primeira ameaça real ao bretão pelo francês em seu próprio território. Seu impacto, porém, só seria sentido ao longo dos quatrocentos anos que se seguiram.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A História da Bretanha pode ser resumida em três períodos, como veremos.

As origens (300-700 d. C.)

Conquistada por Júlio César no ano 55 a. C., a região da atual Bretanha tornou-se parte do Império Romano com o nome de *Armorica* (romanização da expressão céltica *are-more*, “perto do mar”). Os celtas de Armorica, porém, jamais aceitaram a romanização plena.

A língua conhecida atualmente como *bretão* (*brezhonek*) estabeleceu-se na Bretanha entre os séculos IV e VI d. C., como resultado das migrações de povos celtas que habitavam a Cornualha (Cornwall) e o País de Gales (Wales) sob a pressão dos Saxões, Anglos e Jutos que haviam se estabelecido na região. Já convertidos ao Cristianismo pelos missionários das Ilhas Britânicas, os bretões vieram para Armorica e assimilaram as tribos nativas, também célticas, tomando de empréstimo alguns traços de suas línguas e convertendo-os ao Cristianismo. A partir daí, passou a haver duas Bretanhas: *Britannia Maior* (atual Grã Bretanha) e *Britannia Minor* (a Bretanha da França).

O que distingue a Bretanha de todas as demais províncias francesas é a forte herança céltica, a começar pela língua e pela cultura. Os celtas são os primeiros habitantes historicamente identificáveis na Bretanha, mas provavelmente eles se intermesclaram com outra raça mais antiga que construiu os grandes e misteriosos monumentos de pedra: os *menires*⁴ e os *dólmens*⁵, que ainda estão de pé, principalmente nas proximidades de Carnac, e são pontos de atração turística na região.

Evidências arqueológicas sugerem que a Bretanha sofreu intensamente durante a crise do Império Romano, iniciada no século III. Sua economia entrou em colapso, povoados inteiros foram abandonados e a população decresceu. Por volta do ano 300, novos povos começaram infiltrar na região iniciando-se um novo processo de ocupação dos lugares abandonados no século anterior. Fragmentos de objetos de argila encontrados nesses lugares sugerem que esses recém-chegados eram bretões.

⁴ Menir [do bretão *mean* “pedra”, *hir* “longa”] monumento formado por um bloco de pedra cortado verticalmente, que atinge, às vezes, 20 metros de altura. (Numerosos na Bretanha.)

⁵ Dólmen [do bretão *tól* “mesa”, *mean* “pedra”] monumento druítico, pré-histórico, formado por uma grande pedra achatada, colocada sobre outras em posição vertical.

A fonte principal de evidência dos assentamentos bretões está nos topônimos. A semelhança de nomes de lugar entre o galês, o cornoico e o bretão é bastante óbvia, como por exemplo *plou-* (do latim *plebs*, galês *plwyf* “povo”). Associados com nomes em *plou-* incluem-se *gui-* e *guic-*⁶. Outros elementos de origem bretã incluem *lan* (galês *Llan*, “igreja”), *tre-* (galês *tref*, “subdivisão de uma paróquia”), *coët* (galês *coed*, “madeira”) e *ker* (galês *caer*, “aldeia”). A principal distribuição dos topônimos bretões encontra-se ao norte e a oeste. No sudoeste os elementos indicadores de topônimos mais comuns são *-ac*, *-e* e *-y*, derivados do sufixo galo-romano *-acum* (“lugar”), o que evidencia uma presença menor dos bretões nessa área, (cf. *Carnac*).

Um número expressivo de topônimos bretões são formados a partir dos elementos *Plou*, *Tre*, *Lan*, *Lok*, *Gwi*, *Lez*, *Kastel* (do latim *castellum*), *Sant* (do latim *sanctus*). Eis alguns exemplos:

- **Plou**: Ploermel, Plogoneg, Plouider, Plouyann, Plouzeniel, Plounerin, Plestin, Plouilio;
- **Tre**: Tregaranteg, Trezeniel, Triagad;
- **Lan**: Lambaol, Landivizio, Landelo, Lanvaodez;
- **Lok**: Lokmazhe, Lokmaria, Lokwenole, Lokmikael, Lokmalo, Lok-Envel, Lokemo, Lokireg;
- **Gwi**: Gwiseni, Gwineventer;
- **Ker**: Kerbernez, Keryann, Kerber, Kerherve, Kermorvan;
- **Lez**: Lezneven;
- **Kastell**: Kastell-Aodren, Kastell-Paol, Kastell-Briant;
- **Sant**: Sant Jili, Sant Karadeg, Sant Brieg, Sant Malo, Sant Riwall;
- **Bourc'h**: Boulvriag;
- **Krec'h**: Krec'h Elies;

⁶ Do latim *vicus*, “povoamento”, “aldeamento”. Da raiz indo-européia **weik*, “habitação”, “aldeia”. Cf. grego *oikos*, “casa” (por *woikos*) e sânscrito *veçah*, “casa”.

- **Outros:** Rieg, Brieg, Edern, Kast, Gwennou, Karanteg ...

Já que os falantes primitivos do bretão vieram das terras baixas da Bretanha e do oeste da Gália, onde o latim havia sido amplamente falado e a cultura romana predominado, o bretão é a língua céltica que mais possui empréstimos do latim: *laer* “ladroão”, *koan* “ceia”, *eured* “cerimônia de casamento”. Verificam-se também empréstimos do francês, os quais, a julgar pela forma, remontam a um período bem antigo, como: *fresk* “fresco”, francês moderno *frais*, [do germânico *frisch*, através do antigo francês *fresche*]; *brau* “belo” do antigo francês *brave*.

Pouco ou quase nada se sabe sobre a organização política da Bretanha primitiva. Os romanos mantiveram autoridade nominal sobre a região até 460, porém no final do século V os francos⁷ haviam reivindicado o domínio da região.

Na metade do século VI, a Bretanha foi dividida em três reinos: *Dumnonia* (Domnonée), ao longo da costa, onde uma dinastia real emergiu no século VII; *Cornouaille*, no oeste, do qual nada se sabe; e *Bro Waroch*, ao sul, fundado por Waroc, líder de Vannes, pouco depois de 560. Esses três reinos foram mais tarde incorporados ao Ducado da Bretanha.

O reino da Bretanha (700 – 939 d. C.)

Até meados do século VIII quase nada se conhece sobre o desenvolvimento político da Bretanha. Os próprios bretões não eram politicamente unificados e a unidade, quando ocorreu, veio de fora. Em 778 os francos haviam estabelecido uma zona de fronteira, baseada nos condados de Rennes, Vannes e Nantes. Nesse mesmo ano foi morto em combate, em Roncesvalles, Rolando, paladino famoso, um dos doze pares de Carlos Magno, imortalizado pela *Canção de Rolando* (ou *Roldão*). Sob o reino de Carlos Magno (768-814) e de seu filho Luis I, o Piedoso (814-40), os francos tentaram diversas

⁷ Francos [do germânico *Frank*, latinizado em *Francus*] tribos da Germânia que conquistaram a Gália no século V. Os francos habitavam primitivamente entre o Reno e o mar do Norte, o Elster e o Elba. Daí *França*, do francês *France*, este do latim *Francia*, nome que surgiu quando a região deixou de ser entendida como “terra dos Galos” (Gália) para ser como “terra dos Francos”.

vezes conquistar a Bretanha, porém sem sucesso, já que os bretões sempre se rebelavam, usando inclusive táticas de guerrilha.

Em 831, Luis I tentou uma abordagem diferente nomeando um nobre bretão nativo, Nomenoë, como *missus imperialis* para a Bretanha. Nomenoë veio a tornar-se um preeminente líder bretão, enquanto Luis ganhava títulos de terras que ele na verdade não podia controlar. A Bretanha como uma entidade política unificada era sua criação conjunta. Uma disputa sobre o condado de Nantes levou Nomenoë a rebelar-se contra o Rei dos Francos, Carlos II, o Calvo, em 845, a quem derrotou em Ballon, próximo a Redon. Em 849 Nomenoë expulsou os bispos francos de Alet, Dol, Quimper, St Pol-de-Léon e Vannes substituindo-os por falantes nativos do bretão. Campanhas militares expandiram os territórios de Nomenoë até o rio Mayenne.

Com a morte de Nomenoë em 851, Carlos invadiu a Bretanha, mas foi derrotado pelo filho de Nomenoë, Erispoë, numa batalha decisiva em Jengland-Beslé. A desventura forçou Carlos a conceder a Erispoë status real como feudatário do império dos Francos: a Bretanha tornara-se um reino. Erispoë foi assassinado em 857 por seu sucessor Salomão (857-74) que se tornou o mais bem sucedido dos soberanos bretões.

Outro fator importante na ascensão da Bretanha foram os Vikings. Embora a Bretanha tivesse sofrido numerosas incursões pelo litoral, os Vikings julgaram as terras dos francos bem mais atrativas. Atordoado também por problemas dinásticos, Carlos II não foi suficientemente capaz de concentrar-se na Bretanha. Vez por outra, os bretões até mesmo se aliavam aos Vikings, como em 866 quando juntos derrotaram os Francos em Brissarthe, forçando Carlos a ceder a península de Cotentin a Salomão em 967. Esse episódio marcou o apogeu da Bretanha medieval. Embora a Bretanha estivesse independente, a influência da Renascença Carolíngica destruíra gradualmente o caráter céltico de sua cultura.

Um grande problema causado pelos Vikings aos bretões foi a ocupação de Rollo, na Normandia, em 911, seguida do fechamento do Sena. Em 913 Landévennec foi saqueada o que provocou uma fuga geral de monges para a *Francīa* (ver nota 7). Em 919 a resistência bretã ruiu e em 921 Nantes tornou-se a capital de um Reino

Viking. Alain Barbetorte liderou uma reconquista bem sucedida em 936-39, porém seu efeito sobre a independência dos Bretões foi desastroso. Alain foi incapaz de impor sua autoridade sobre a aristocracia bretã e governou apenas como um duque, não como um rei.

O declínio da Bretanha Céltica (939 – 1532 d. C.)

Nos dois séculos após a expulsão dos Vikings, a Bretanha se desenvolveu numa sociedade feudal descentralizada, dominada por castelões locais, que pouco tinham a ver com as raízes célticas. Virtualmente o único sinal de autoridade ducal foi o sucesso da política de Alain Barbetorte e seus sucessores a encorajar a restauração da vida monástica. A igreja em geral ficou submetida ao controle da aristocracia. A reforma da igreja foi finalmente levada a cabo pelo pontificado, auxiliado pela difusão do movimento monástico Cisterciense⁸ no século XII.

A Bretanha foi seriamente afetada pelo desenvolvimento dos poderosos principados vizinhos da Normandia e Anjou. A partir de 990 foi impelida para o domínio normando até 1156, quando Henrique de Anjou tornou-se rei da Inglaterra, formando o Império Normando, cujos territórios se estendiam, nos fins do século XII, da Escócia aos Pirineus. Em 1204 a Bretanha passou a ser controlada pela França dos Capetos⁹. Com a conivência do rei Filipe Augusto, o Papa Inocêncio III pôs fim à independência da igreja bretã extinguindo o Arcebispado de Dol.

Um fluxo contínuo de emigração da Bretanha começou na segunda metade do século XI. Para os que pertenciam às classes mais pobres, o destino era a França, principalmente Paris, onde eram alvo de zombaria devido à incapacidade de falar o francês. Já para os membros da fidalguia, não faltavam oportunidades na Normandia, na Inglaterra ou nos principados normandos no sul da Itália. Após 1066 cerca de vinte por cento das terras na Inglaterra pertencia aos Bretões

⁸ Pertencente à Ordem de Cister, fundada em 1098 pelo abade Roberto de Molesme, no ermo de Cîteaux, povoação francesa no cantão de Nuits. Os monges de Cister ensinavam a agricultura e plantavam vinhas.

⁹ Terceira geração dos reis da França, começada com Hugo Capeto a Carlos IV, o *Belo* (987-1328).

que haviam acompanhado Guilherme I, o Conquistador¹⁰. As relações comerciais com a Inglaterra se tornaram importantes nos fins da Idade Média.

Uma disputada sucessão ao ducado em 1341 arrastou a Bretanha aos estágios iniciais da Guerra dos Cem Anos, travada entre a França e a Inglaterra nos séculos XIV e XV.

A derrota final da Inglaterra pela França em 1454 mudou drasticamente a estabilidade da Bretanha. Após massacrar os bretões em St-Aubin-du-Cormier em 1487, a França assumiu o controle definitivo da região. Em 1491 a herdeira do trono bretão, a duquesa da Bretanha, Ana, casou-se com Carlos VIII, rei da França, levando como dote a Bretanha à França. A incorporação formal do ducado da Bretanha à França se deu em 1532. Não obstante o parlamento bretão ter sobrevivido até a Revolução Francesa (1789-1799), seus poderes foram gradativamente enfraquecidos pela monarquia centralizadora francesa, apesar de constantes atos de resistência, às vezes violentos.

Ironicamente, após a incorporação da Bretanha à França, o bretão passou a se desenvolver como uma língua literária, com produção de poesia, dramas e prosa para as pessoas comuns. Mesmo assim, o bretão começou a perder terreno para o francês.

Em nossos dias, um número expressivo de grupos separatistas continua em evidência, lutando pela soberania política, cultural e lingüística da Bretanha.

(Continua no próximo número)

¹⁰ Duque da Normandia (1035-1087), rei da Inglaterra (1066-1087). Conquistou em 1066 a Inglaterra contra o rei Haroldo II, vencido e morto em Hastings, e soube organizar seu novo reino, o reino anglo-normando, constituindo uma forte e rigidamente organizada nobreza militar.